Freud

Correspondência reúne quase 300 mensagens entre **Freud** e sua caçula, **Anna**, trocadas de 1904 a 1938

De pai para filha

Rinaldo Gama
ESPECIAL PARA O ESTADO

"Por ti eu vejo agora como estou velho, pois tens a idade da psicanálise. Ambas me trouxeram preocupações, mas no fundo espero mais alegrias de ti do que dela", escreveu Sigmund Freud para a filha caçula, Anna, a única que o seguiu na carreira, três dias depois de seu 25º aniversário, isto é, a 6 de dezembro de 1920. Freud considerava 1895 como marco do surgimento da psicanálise – embora só haja empregado o termo pela primeira vez em 1896 – porque fora em julho daquele ano que tivera o famoso sonho cuja explicação representou a chave de sua revolucionária ciência. Anna dizia que ela e a psicanálise eram irmãs gêmeas, disputando, desde o nascimento, as atenções do pai. A imagem não poderia ser mais precisa. A conseqüência disso foi a formação de um "triângulo amoroso" especialmente particular – e histórico. Alguns dos nós desse intricado laço de três pontas podem ser revistos a partir da leitura de *Correspondência 1904-1938*, de Sigmund e Anna Freud, volume organizado por Ingeborg Meyer-Palmedo (tradução de Kristina Michahelles; L&PM Editores; 512 páginas; R$ 83).

Como Anna nunca abandonou propriamente a casa do pai, a maior parte da correspondência que trocou com Freud – cartas, bilhetes, postais e telegramas, num total de quase 300 mensagens de ambas as partes – se deu em períodos de férias e durante viagens para tratamento de saúde ou compromissos de trabalho. Não se espere, portanto, desta obra, uma coleção de revelações estarrecedoras, debates teóricos inflamados ou longas reflexões íntimas. Para se ter uma idéia, a polêmica análise que Anna fez com o pai – primeiro, de 1918 a 1922, e, depois, esparsamente, de 1924 a 1925 – só é mencionada numa carta dela, escrita em 24 de julho de 1919. O livro, no entanto, permite ao leitor, por meio de seu alentado conjunto de notas de rodapé, ter diante de si um panorama das décadas inaugurais da psicanálise, com suas hesitações, controvérsias e limites; um retrato da vida em família dos Freuds; além, é claro, da trajetória profissional e afetiva de Anna – traçada, cada vez mais, em direção ao próprio pai.

> NADA DE NOTAS ESTARRECEDORAS, MAS O PANORAMA DO INÍCIO DA PSICANÁLISE

"Decerto não podes imaginar o quanto estou sempre pensando em ti", confessou ela a Freud em uma missiva datada de 9 de agosto de 1920. Na realidade, o pai sabia bem disso; inquietava-se até – contudo, também se sentia enredado. "Às vezes, eu gostaria que ela encontrasse logo um bom marido, mas em outros momentos recuo diante da perda", admitiu Freud à sua amiga e confidente Lou Andreas-Salomé, numa carta de 3 de julho de 1922, citada em *Correspondência*.

Tal sentimento ajuda a compreender por que o criador da psicanálise, anos antes, fez questão de alertar Anna sobre o iminente assédio de seu amigo e futuro biógrafo Ernest Jones: "Eu sei através das melhores fontes que o dr. Jones tem séries intenções de te fazer a corte. (...) E eu me embalo na esperança de que terás mais dificuldades em tomar uma decisão sobre a tua vida sem antes estar certa da nossa (neste caso: da minha) concordância" (16 de julho de 1914). "Minha Anna é tão insensata e se agarra ao velho pai. Minha filha me preocupa. Como suportará a vida solitária? Será que conseguirei fazer sua libido sair do nicho em que se escondeu?", alarmava-se Freud, em 1924, noutra missiva endereçada a Lou Andreas-Salomé. "Temo que sua genitalidade suprimida possa algum dia lhe pregar uma peça ruim. Não consigo fazê-la desprender-se de mim, e ninguém me ajuda", queixou-se à sua fiel interlocutora no ano seguinte.

Lou acabaria se aproximando de Anna, a pedido de Freud – "Como parece ter sido barrada por mim no que se refere aos homens, também teve pouca sorte em suas amizades femininas" –, e iria se tornar um misto de amiga, mãe e entusiasta de la nos primeiros passos de sua atuação no campo psicanalítico, notadamente na clínica de crianças.

A atividade como analista, influenciada, num certo sentido, pelo período em que cuidou dos sobrinhos pequenos, depois da morte prematura da irmã Sophie, em 1920, trouxe para Anna outras amigas. Em 1925, ela conheceu a americana Dorothy Burlingham, que fora para Viena, com os quatro filhos, em busca de tratamento analítico, depois de separar-se do marido maníaco-depressivo. A "camaradagem serena e agradável" entre ambas, conforme a definiu a filha de Freud em carta para ele pai datada de 23 de abril de 1927, e que duraria até a morte de Dorothy, em 1979 – três anos antes de Anna –, encontrou no criador da psicanálise um apoio fundamental. "As presentes cartas revelam que Freud deve ter trabalhado duro para vencer sua imagem original da feminilidade", observa Ingeborg Meyer-Palmedo na introdução de *Correspondência*. "Foram necessários vários anos de lutas internas até ele abrir mão do seu ideal de 'vocação feminina' para a filha mais nova", sublinha ela.

Há mais do que isso delineado no corpo da obra organizada por Ingeborg – a questão da homossexualidade de mulheres na teoria freudiana, por exemplo. Em 1919, Freud atendeu a uma paciente que passou à história como "a jovem homossexual". A experiência rendeu-lhe o ensaio *Sobre a Psicogênese de Um Caso de Homossexualidade Feminina* (1920), texto clássico retomado por Jacques Lacan no *Seminário 10 – A Angústia*, no qual ele procura explicar o porquê do "fracasso" da análise de Freud. A paciente – Margarethe Csonka-Trautenegg, como se soube em 2004 – tem sua vida romanceada em outro livro, *Desejos Secretos*, de Ines Rieder e Diana Voigt, recém-lançado no Brasil (tradução de Laura Barreto; Companhia das Letras; 432 páginas; R$ 59). Nele, as autoras frisam que sua personagem foi atendida na mesma época em que Freud analisava a filha caçula – e se preocupava com os rumos de sua sexualidade. Ou seja, nas duas situações, para além do pai da psicanálise, estava em cena, inevitavelmente, o pai de Anna. A paternidade, sabe-se, ocuparia um lugar central nessa trama – e contra isso, Freud pouco pôde fazer.

Como pouco pôde fazer em relação à sua crescente dependência de Anna, após a descoberta, em 1923, de um câncer na boca, que o mataria 16 anos mais tarde. Conforme se lê na nota final da derradeira carta do criador da psicanálise incluída em *Correspondência*, com data de 3 de agosto de 1938, foi para a "querida Anna" que ele quis transmitir, e submeter, por intermédio do médico Max Schur, o seu último desejo: que lhe abreviassem o sofrimento e lhe permitissem morrer rapidamente. Relutante, ela concordou. Assim, nos dias 21 e 22 de setembro de 1939, Schur aplicou no paciente injeções de morfina acima da dose sedativa normal; às 3 h da madrugada de 23 de setembro, Freud morreu. Até o fim da vida, Anna o realizou, plena e concretamente. Parece lícito afirmar que ela, tal como o pai imaginara que seria, lhe trouxe mais alegrias do que a psicanálise. ●

Rinaldo Gama, doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), é formado em psicanálise pelo Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP) e autor de *O Guardador de Signos: Caeiro em Pessoa*



ENTRELINHAS

24/7/1919
Meu querido papai (...)
Margaretl é uma companhia muito agradável; nós nos tornamos amigas impressionantemente rápido. Ela é atenciosa e amável, além disso é bonita e graciosa em todas as situações, o que faz com que dividir o quarto só traga vantagens. Ela nem está 'oscilando' tanto, pelo menos por enquanto. Eu creio que o trabalho conjunto com Gretl Neff só vai começar na semana que vem. Os pais de Gretl Neff são difíceis de aturar, ela os evita bastante. Ela tem algo incrivelmente gracioso em todo o seu ser, eu gostaria de ser assim. Só que ela é muito pouco eficiente, e quase sempre tem dor de cabeça e palpitações. Acreditas que isso possa passar? Contei-lhe que estou fazendo análise contigo, pois freqüentemente ela fala do seu tratamento e eu não quis deixá-la em desvantagem por saber dela e ela não saber nada sobre a minha pessoa.

30/7/1919
Minha querida Anna (...)
Eu mencionei a Rank uma necessidade de Schopenhauer; ele descobriu no Sachs a pequena e bonita edição em papel fino e a enviou para mim. A leitura está me ajudando a continuar com o trabalho que trouxe comigo Apesar da chuva e do frio, estamos muito satisfeitos aqui, a titia reclama um pouco, mas está bem-humorada. Na casa n.º 20 mora uma 'amiga'. Deves acrescentar o ciúme à interpretação do teu sonho.